

□ Tempo de leitura: 9 min.

Após dez anos de estudos em Paris e três anos na Universidade de Pádua, Francisco de Sales retornou à Saboia pouco antes do início da primavera de 1592. Ele confidenciou a seu primo Luís que estava “cada vez mais determinado a abraçar o estado eclesiástico, apesar da resistência de seus pais”. No entanto, ele concordou em ir a Chambéry para se inscrever na Ordem dos Advogados do Senado de Saboia.

Na verdade, todo o rumo de sua vida estava em jogo. Por um lado, de fato, havia a autoridade de seu pai ordenando-lhe, como Francisco era o filho mais velho, que considerasse uma carreira no mundo; por outro, havia suas inclinações e a crescente consciência de que deveria seguir uma vocação específica: “ser da Igreja”. Se é verdade que “os pais fazem tudo para o bem de seus filhos”, é igualmente verdade que os pontos de vista de uns e de outros nem sempre coincidem. Seu pai, o Senhor de Boisy, sonhava com uma carreira magnífica para Francisco: senador do ducado e (por que não?) presidente do soberano Senado de Saboia. Francisco de Sales escreveria um dia que os pais “nunca estão satisfeitos e nunca sabem como parar de falar com seus filhos sobre os meios que podem torná-los maiores”.

Para ele, a obediência era um imperativo fundamental, e o que ele diria mais tarde a Filoteia era uma regra de vida que ele certamente seguia desde a infância: “Você deve obedecer humildemente aos seus superiores eclesiásticos, como o papa e o bispo, o pároco e seus representantes; em seguida, você deve obedecer aos seus superiores políticos, ou seja, seu príncipe e os magistrados que ele instituiu em seu país; finalmente, você deve obedecer aos superiores de sua casa, ou seja, seu pai, sua mãe”. O problema surgiu da impossibilidade de conciliar as diferentes obediências. Entre a vontade de seu pai e a sua própria (que ele percebia cada vez mais como sendo a de Deus), a oposição tornou-se inevitável. Vamos acompanhar os estágios do amadurecimento vocacional de um “doce rebelde”.

Olhar retrospectivo

Para entender o drama vivido por Francisco, é necessário revisitar o passado, pois esse drama marcou toda a sua juventude e foi resolvido em 1593. Desde os dez anos de idade, Francisco cultivou seu próprio projeto de vida dentro de si mesmo. Muitos dos eventos que ele vivenciou ou provocou são testemunhas

disso. Aos onze anos de idade, antes de partir para Paris, ele pediu permissão ao pai para receber a tonsura. Essa cerimônia, durante a qual o bispo colocava o candidato no primeiro degrau de uma carreira eclesiástica, ocorreu de fato em 20 de setembro de 1578, em Clermont-en-Genevois. Seu pai, que a princípio se opôs, acabou cedendo, pois considerava isso nada mais do que um capricho infantil. Durante o exame preliminar, surpreso com a precisão das respostas e com a modéstia do candidato, o bispo teria dito a ele: “Meu filho, anime-se, você será um bom servo de Deus”. No momento de sacrificar seus cabelos loiros, Francisco confessou que sentiu um certo arrependimento. No entanto, o compromisso que ele assumiu sempre permanecerá fixo em sua memória. De fato, um dia ele confidenciou à Madre Angélica Arnauld: “Desde os doze anos, estou tão determinado a ser da Igreja que nem por um reino eu teria mudado minha intenção”.

Quando seu pai, que não era antipático, decidiu enviá-lo a Paris para completar seus estudos lá, ele deve ter sentido sentimentos contraditórios em sua alma, descritos no *Teótimo*: “Quando um pai envia seu filho para a corte ou para seus estudos”, ele escreveu, “ele não chora ao cumprimentá-lo, mostrando que, embora ele queira fazer isso de acordo com a parte superior, para o bem de seu filho, no entanto, essa partida causa desagrado à parte inferior, pela qual ele não gostaria de deixá-lo ir”. Lembremos também da escolha do colégio dos jesuítas em Paris, preferido ao de Navarra; do comportamento de Francisco durante sua formação; da influência da direção espiritual do padre Possevino em Pádua; e de todos os outros fatores que contribuíram para a consolidação de sua vocação eclesiástica.

Mas diante dele havia um obstáculo rochoso: a vontade de seu pai, à qual ele devia não apenas humilde submissão, de acordo com o costume da época, mas também algo mais e melhor, porque “o amor e o respeito que um filho tem pelo pai fazem com que ele decida não apenas viver de acordo com suas ordens, mas também de acordo com os desejos e preferências que ele expressa”. Em Paris, no final de sua estada, ele ficou profundamente impressionado com a decisão do Duque de Joyeuse, um antigo favorito de Henrique III, que havia se tornado capuchinho após a morte de sua esposa. De acordo com seu amigo João Pasquelet, “se ele não tivesse medo de perturbar a alma do Senhor de Boisy, seu pai, sendo seu filho mais velho, com certeza se teria tornado capuchinho”.

Ele estudou por obediência, mas também para se tornar útil ao próximo. “E ainda é verdade”, testemunhou o Padre de Quoex, “o que ele me disse enquanto estava em Paris e Pádua, que ele estava interessado não tanto no que estava estudando, mas sim em pensar se um dia ele seria capaz de servir a Deus

dignamente e ajudar o próximo através dos estudos que estava fazendo”. Em 1620, ele confidenciou a Francisco de Ronis: “Enquanto estive em Pádua, estudei direito para agradar meu pai e, para agradar a mim mesmo, estudei teologia”. Da mesma forma, Francisco Bochut declarou que “quando foi enviado a Pádua para estudar direito para agradar seus pais, sua inclinação o levou a abraçar o estado eclesiástico”, e que lá ele “completou a maior parte de seus estudos teológicos, dedicando a maior parte de seu tempo a eles”. Essa última afirmação parece claramente exagerada: Francisco de Sales certamente teve que dedicar a maior parte de seu tempo e energia aos estudos jurídicos que faziam parte de seu “dever estatal”. Quanto a seu pai, João-Pedro Camus relata esta significativa confidência: “Eu tive”, ele me disse, “o melhor pai do mundo; mas ele era um bom homem que havia passado a maior parte de seus anos na corte e na guerra, de modo que conhecia suas máximas melhor do que as da teologia”.

Provavelmente, foi o Padre Possevino que se tornou seu melhor apoio para orientar sua vida. De acordo com seu sobrinho Carlos Augusto, Possevino lhe teria dito: “Continue pensando nas coisas divinas e estudando teologia”, acrescentando gentilmente: “Acredite em mim, seu espírito não é adequado para os trabalhos do fórum e seus olhos não foram feitos para suportar a poeira; a estrada do século é muito escorregadia, há o perigo de se perder. Não há, talvez, mais glória em proclamar a palavra de nosso bom Senhor a milhares de seres humanos, nas cátedras das igrejas, do que em aquecer as mãos batendo os punhos nos bancos dos promotores para resolver disputas? Sem dúvida, foi sua atração por esse ideal que lhe permitiu resistir a certas manobras e farsas desagradáveis de alguns companheiros que certamente não eram modelos de virtude.

Um discernimento e uma escolha muito difíceis

Em sua viagem de volta de Pádua, Francisco de Sales trazia consigo uma carta de seu velho professor Panciroli dirigida a seu pai, aconselhando-o a enviar o filho ao Senado. O Senhor de Boisy não queria mais nada e, para isso, preparou uma rica biblioteca de direito para Francisco, deu-lhe terras e um título e o destinou a ser o senhor de Villaroget. Por fim, pediu-lhe que se encontrasse com Francisca Suchet, uma adolescente de catorze anos, “filha única e muito bonita”, como salientou Carlos Augusto, para fazer “os preparativos para o casamento”. Francisco tinha vinte e cinco anos, a idade da maioridade na mentalidade da época e adequada para o casamento. Sua escolha havia sido feita há muito tempo, mas ele não queria criar rupturas, preferindo preparar seu pai para o momento favorável.

Ele se encontrou várias vezes com a jovem, para quem deixou claro, no entanto, que tinha outras intenções. “Para agradar a seu pai”, declarou Francisco

Favre no processo de beatificação, “ele visitou a jovem, cujas virtudes admirava”, mas “não pôde ser convencido a aceitar tal casamento, apesar de todos os esforços de seu pai nesse sentido”. Da mesma forma, Francisco revelou a Amé Bouvard, seu confidente: “Em obediência a meu pai, vi a jovem a quem ele me destinava de todo o coração, admirei sua virtude”, acrescentando, sem rodeios e com convicção: “Acredite em mim, digo a você a verdade: meu único desejo sempre foi abraçar a vida eclesiástica”. Cláudio de Blonay afirmou ter ouvido dos próprios lábios de Francisco “que ele havia recusado uma aliança tão bela, não por desprezo pelo matrimônio, pelo qual tinha grande respeito como sacramento, mas sim por um certo ardor, íntimo e espiritual, que o inclinava a colocar-se totalmente a serviço da Igreja e a ser todo de Deus, com um coração indiviso”.

Enquanto isso, em 24 de novembro de 1592, durante uma sessão em que deu provas louváveis de suas habilidades, ele foi aceito como advogado na Ordem dos Advogados de Chambéry. Ao retornar de Chambéry, ele viu um sinal celestial em um incidente relatado por Miguel Favre: “O cavalo caiu debaixo dele e a espada de sua bainha foi parar no chão com a ponta apontada para ele, [de modo que] disse ele tirou mais uma prova convincente de que Deus o queria a seu serviço, juntamente com a esperança de que Ele lhe forneceria os meios”. De acordo com Carlos Augusto, a espada “fora de sua bainha havia traçado uma espécie de cruz”. O que parece certo é que a perspectiva de uma profissão como advogado não deveria tê-lo entusiasmado, se você der crédito ao que ele escreveria mais tarde:

(De acordo com alguns), quando o camaleão incha, ele muda de cor; isso acontece por medo e apreensão, dizem outros. Demócrito afirma que a língua arrancada, quando ele estivesse ainda vivo, fazia com que aqueles que a tinham na boca vencessem os julgamentos; isso se aplica bem às línguas dos advogados, que são verdadeiros camaleões.

Algumas semanas depois, ele recebeu o documento de senador de Turim. Era uma honra extraordinária para sua idade, porque se “os advogados discutem no bar com muitas palavras sobre os fatos e os direitos das partes”, “o Parlamento ou o Senado resolve todas as dificuldades com um decreto de cima”. Francisco não queria aceitar um cargo tão alto, que poderia novamente perturbar todos os dados do problema. Apesar do espanto scandalizado de seu pai e da pressão de seus melhores amigos, ele manteve estritamente sua recusa. E mesmo quando lhe foi mostrado que o acúmulo de cargos civis e eclesiásticos era permitido, ele respondeu que “não se deve misturar coisas sagradas e profanas”.

Finalmente chegou o dia em que, por uma feliz combinação de

circunstâncias, ele conseguiu resolver uma situação complicada que poderia ter degenerado em uma dolorosa ruptura com sua família. Alguns meses depois, e precisamente após a morte do decano da catedral em outubro de 1592, alguns confidentes, sem que ele soubesse, enviaram uma solicitação a Roma para esse cargo, o que fazia dele a primeira pessoa na diocese depois do bispo. Em 7 de maio de 1593, chegou a nomeação romana. Dois dias depois, ocorreu a reunião que marcaria o ponto de virada de sua vida. Com o apoio de sua mãe, Francisco fez um pedido ao seu velho pai que ele nunca ousara fazer: “Tenha a cortesia, meu pai, [...] de permitir que eu seja da Igreja”.

Foi um golpe terrível para o Senhor de Boisy, que de repente viu seus planos desmoronarem. Ele ficou “chocado” porque não esperava tal pedido. Carlos Augusto acrescenta que “sua senhora não ficou menos”, pois estava presente na cena. Para o pai, o desejo do filho de ser padre era um “estado de espírito” que alguém havia colocado em sua cabeça ou o tinha “aconselhado”.

“Eu esperava”, disse a ele, “que você fosse o arrimo da minha velhice e, em vez disso, você se afastou de mim antes do tempo. Tenha cuidado com o que você faz. Talvez você ainda precise amadurecer sua decisão. Sua cabeça foi feita para um chapéu mais majestoso. Você dedicou tantos anos ao estudo da lei: a jurisprudência não lhe servirá de nada sob a batina de um sacerdote. Você tem irmãos para os quais deve ser um pai quando eu lhes faltar”.

Para Francisco, essa era uma necessidade interior, uma “vocação” que envolvia toda a sua pessoa e toda a sua vida. Seu pai tinha respeito pelo sacerdócio, mas ainda o considerava uma simples função, uma profissão. Agora a reforma católica visava dar ao sacerdócio uma configuração renovada, mais elevada e mais exigente, ou seja, considerá-lo um chamado de Deus sancionado pela Igreja. O dever de responder a esse chamado divino talvez também correspondesse a um novo direito da pessoa humana, que Francisco defendeu diante da decisão “unilateral” de seu pai. Este, depois de expor todas as suas boas razões contra tal projeto, sabendo que seu filho ocuparia uma posição muito honrosa, acabou cedendo: “Pelo amor de Deus, faça o que você acredita”.

Em uma obra publicada em 1669, Nicolau de Hauteville comentou esse episódio, comparando o drama do Senhor de Boisy ao de Abraão, a quem Deus ordenou que sacrificasse seu filho. Mas com a diferença de que foi Francisco quem impôs o sacrifício a seu pai. De fato, escreveu o antigo cronista, “toda a adolescência e juventude [de Francisco] foi um período de alegria, esperança e consolação, muito gratificante para seu bom pai, mas, no final, deve-se confessar que esse [novo] Isaac foi para ele um motivo de preocupação, amargura e dor”. E

acrescentou que “a luta que se desencadeou dentro dele o deixou gravemente doente, achando difícil permitir que esse filho amado se casasse com um breviário em vez de uma jovem bonita e rica, herdeira de uma casa muito nobre e antiga da Saboia”.

[\(continua\)](#)